



E se descobrisses que toda
a tua vida não passava
de uma prisão?

Filipe Vieira Branco

**O DIA
EM QUE
NASCI**

C.

E se descobrisses que
toda a tua vida não
passava de uma prisão?

Filipe Vieira Branco

**O DIA
EM QUE
NASCI**



FICHA TÉCNICA

Título: O dia em que nasci

Autor: Filipe Vieira Branco

Revisão de Texto: José da Maia

Capa: Tiago Leal

Imagem da Capa: *DepositPhotos*

Paginação: Tiago Leal

Edição: Capital Books (geral@capitalbooks.net)

ISBN: 9781508910138

1ª edição: Março 2015

O autor escreve segundo a ortografia anterior ao Novo Acordo Ortográfico.

“Tomé, porque me viste, acreditaste.
Felizes os que acreditam sem terem visto.”
(João 20, 29)

PARTE I

OLHAR

A corrente que me prende a perna, magoa-me quando tento forçar o meu alcance à única fonte de luz existente na cave. É um candeeiro de petróleo e deixaram-no mais longe desta vez, por descuido, por isso não consigo chegar-lhe para ajeitar a torcida e vejo o resto de luz extinguir-se sem que possa fazer algo para o evitar. A cave é agora uma enorme extensão de negro, como se não tivesse fim.

Desiludido, atiro para o lado o livro que estava a ler e ouço-o cair no chão, enquanto volto a sentar-me na cama atrás de mim. Sinto-me cego, impedido de ver seja o que for e espero até os meus olhos se habituarem à escuridão para tatear à procura do meu tornozelo magoado pela corrente de ferro. Entre um suspiro de desconforto, massajo com os meus dedos a pele dorida. A corrente não costuma magoar-me, permitindo-me deslocar sem restrições pelo reduzido espaço da cave, mas não está preparada para alcançar a distância até às escadas que sobem para o piso superior. É nelas que está o candeeiro que até agora iluminava este meu quarto.

Sinto-me inválido por ter a luz ali tão perto e não conseguir chegar-lhe para a acender novamente. De certa forma isso revolta-me, mas consigo apaziguar-me quando ouço passos no soalho, mesmo acima de mim. Pelo ritmo do andar, percebo que é a Alice quem caminha de um lado para o outro na cozinha. Sei que já amanheceu, pois é sempre

assim que o sei, quando já ouço a governanta da casa atarefada com os seus deveres matinais. Nesta cave sem qualquer tipo de acesso ao exterior, ser-me-ia impossível controlar as fases do dia, afinal aqui é como se fosse sempre noite, por isso fico contente sempre que consigo perceber estes sinais a que me fui habituando. Não demorará muito até a Alice vir abrir-me a porta que me dá acesso ao resto da casa, penso. Fico impaciente.

Mulher de poucas palavras, mais para fazer do que para falar, a Alice é a governanta da casa há muito tempo, mais do que aquele que se pode contar desde que tenho lembranças de existir no mundo. E de tanto aqui governar, já todos a consideramos mais patroa do que criada. Todos os dias, quando chega a hora de eu ir para a superfície, é a Alice quem vem tirar-me daqui, trazendo consigo um sorriso perfeito em jeito de bom dia. De estatura média, corpo cheio e cabelos grisalhos, a Alice tem todo o aspecto de mulher protectora e sabedora, que conhece bem tudo o que a rodeia, mas mantém sempre um certo ar de mistério naquele sorrir tão perfeito, como se quisesse contar-me algo novo a qualquer momento. Como nunca o fez, começo a pensar que esse mistério é apenas uma criação da minha imaginação.

Um raio de luz e o alçapão de madeira abre-se. Suspiro, agora satisfeito, porque se ilumina finalmente a escuridão que já me estava a aborrecer. E com o mesmo sorriso de sempre, a Alice aproxima-se de mim descendo as escadas

com outro candeeiro a petróleo aceso na mão direita e outra corrente arrastada pela mão esquerda. Esta provoca um som desconfortante quando o ferro passa pelas escadas, saltando de degrau em degrau até chegar a mim. Sem qualquer palavra, a governanta prende-me agora a nova corrente à volta do tornozelo direito e solta-me a que tem estado a magoar-me o esquerdo. Reparando na vermelhidão da ferida que o meu esforço causou, a Alice esfrega-o lentamente, tentando aliviar-me da dor e eu agradeço-lhe pelo gesto. Esta nova corrente, cujo ponto de origem se encontra fixo num canto da cozinha, vem agora dar-me mais liberdade para que possa subir as escadas e movimentar-me à vontade pelo enorme espaço da divisão acima da cave.

— Obrigado, Alice — digo, avançando já à sua frente, quase a correr e desejoso de chegar à mesa para começar a comer alguma das suas iguarias.

Ao sentar-me na cadeira a que chego mais depressa, a corrente enrola-se entre as minhas pernas e quase tropeço. Consigo equilibrar-me, mas não consigo esconder o embaraço quando vejo o meu pai a olhar-me à entrada da cozinha. A sua imagem tem sempre algo de perturbador. Talvez seja a barba branca sempre mal aparada ou o corpo alto e estreito num dos seus fatos pretos, que parecem sempre anunciar uma cerimónia. Ou então é aquela expressão de quem repreende só com o olhar sem no entanto perder o ar afável, de quem está preocupado. Ou podem ainda ser as rugas que lhe vincam a face, quase contando uma história

de vida passada com muito sofrimento. A Alice diz que ele ficou assim desde que a mãe morreu, mas esse sempre foi um assunto proibido cá em casa, entre tantos outros. Uma coisa é certa, para o bem e para o mal é impossível ignorar a força que tem a presença do pai.

– Sempre o mesmo desajeitado, Tomé – diz-me ele abanando a cabeça em sinal de desagrado.

– Ó pai, vinha cheio de fome... e pressa – tento desculpar-me.

– Há tanto tempo que usas isso e ainda não te habituaste. Às vezes apetece-me desistir de ti...

Prefiro cortar já o assunto do que falar de desistências ou sentimentos negativos, por isso, num gesto de desafio, ignoro o que me disse e continuo a falar.

– Pai, ficaste de me trazer outro livro para eu ler, exactamente sobre o tempo ou a noção de tempo, como tu contas. Ainda não consigo perceber muito bem isso e se não o trazes depressa, nunca vou perceber – o meu tom de voz é de exaltação, mas sinto-me um pouco ridículo por estar a tentar dizer algo tão sério enquanto devoro uma fatia de pão coberta de doce de morango.

O pai sente o mesmo que eu, consigo-o notar pela sua expressão e pela forma como vira costas e volta para o corredor que dá acesso à sala. Desaparece, sem uma palavra, mas isso não me preocupa. Sei que voltará mais tarde para estudarmos juntos. É assim mesmo o senhor António, sempre distante, mas ao mesmo tempo tão perto de nós. Ultima-

mente tenho-o notado mais fragilizado, talvez mais emotivo ou mais facilmente irritável. Ele diz-me que tem a ver com o tempo, com a passagem do tempo, mas ainda não consigo perceber claramente o que isso significa. Sei que o avançar dos dias, os ciclos dia/noite, têm algo que corresponde a isso, mas não sei o que é um dia. Na minha cabeça, no meu pensar, não consigo criar uma imagem real do que é.

– Ele já vem explicar-te isso tudo depois – diz a Alice, como se estivesse dentro dos meus pensamentos, surgindo só agora das escadas da cave – come isso tudo, porque vais precisar de bastante energia. Hoje vamos para o quintal plantar mais qualquer coisa.

– A sério? – exclamo de alegria.

A governanta sorridente acena que sim com a cabeça e, novamente, contém-se nas palavras. São os meus dias de estudo preferidos, quando temos que tratar da horta ou apurar o estado das árvores de fruto. Ainda por cima isso significa que vou estar mais próximo da Ana, a filha da Alice, que vem juntar-se sempre a nós, nestes dias passados no exterior da casa. O quintal é extenso e dá-nos muito que fazer. Juntamente com o pai, por lá andaremos os quatro a aprender novas técnicas de cultivo ou a aperfeiçoar aquelas que já conhecemos. Nisso, o pai consegue ser ainda mais rigoroso e já é raro permitir alguma falha da minha parte. Não é para menos, se é dali que vem o que comemos. Mas admito que por vezes chateia-me tanta insistência para que tudo saia perfeito à primeira tentativa.

A Ana ri-se muitas vezes quando o pai começa a reclamar do meu trabalho, mas sei que o faz mais por nervos e medo do que propriamente por estar contente com isso, ainda que eu consiga ver que lhe dá um certo gozo ver-me a ser aborrecido pelo senhor Ant3nio. 3 um bom pai, apesar de tudo. E, ainda por cima, quando estamos nestas tarefas, deixa-me sempre andar com outra corrente mais leve e mais comprida tamb3m. No exterior, dá mais jeito para me facilitar os movimentos, até para subir a algumas 3rvores, o que é por vezes um motivo de chacota para todos, principalmente quando a corrente fica presa nos ramos. Mas ainda bem, porque num desses momentos consegui que o meu pai até se risse connosco, quando a corrente ficou entrelaçada num ramo forte da figueira e eu caí, ficando pendurado de cabeça para baixo. Foi precisa a ajuda dos três para que eu descesse sem partir algum membro e ainda rimos sobre isso, depois de eu já estar são e salvo no chão.

E lembrando-me disso, tenho a certeza de que agora já não iria tão facilmente conseguir espoletar no pai algo assim tão espontâneo. É envolto nesta preocupação recente que acabo de comer, sentindo-me já satisfeito, mas também apressado para ir para o quintal.

Quando saio para rua, encontro a Ana à minha espera sentada nos degraus do portal junto ao extremo que prende a corrente mais leve e apropriada para o quintal. Espero dela o habitual cumprimento com um sorriso envergonhado, mas o que recebo é um olhar fugaz e apenas silêncio.

Ainda assim, faço-lhe sinal para que me troque a corrente. Depressa, ajoelha-se aos meus pés para o fazer e, enquanto solta a corrente com uma chave, volta a olhar-me quase de fugida. Ainda assim consigo perceber a tempo que há algum receio naquela expressão, que nunca tinha visto antes.

– Que se passa, Ana? – quebro o silêncio.

– Nada.

– Mentira. Que tem de diferente esta corrente hoje?

– Só começo a achar um absurdo ter que te acorrentar sempre que vamos trabalhar a terra.

Vejo a sua tez pálida corar tão depressa quando acaba de falar que não hesito em rir alto, para logo perceber que a ofendi de alguma forma.

– Desculpa. Só achei piada – digo, tentando acalmá-la.

O pai sempre fez questão de dizer que as mulheres têm uma sensibilidade diferente dos homens e que eu devia ter cuidado com as minhas palavras. Acho que acabo de perceber o que ele queria realmente dizer com isso, quando vejo a Ana avançar pelo quintal, firme e decidida, como se caminhasse numa marcha autoritária. À medida que avança, os seus cabelos negros agitam-se, rebeldes e o vestido velho comprido que leva colado ao corpo alto e magro define-lhe uma forma absolutamente constrangedora. Para mim. Sim, para mim, que nunca tinha sentido o que estou a sentir agora, como se tivesse sido dominado por ela, como se tivesse ficado preso àquela imagem – sem perceber porquê.

– Vamos, Tomé – ordena o pai, surgindo por detrás de

mim, quebrando este momento.

A Alice junta-se a nós, perguntando-me porque é que a Ana foi sozinha e não esperou. Digo-lhe que não sei. E realmente não sei. Mas quando chegamos os três perto dela é como se estivesse tudo como antes. A Ana age como se nada tivesse acontecido e ainda bem que o faz, porque deixa-me novamente mais à vontade.

Passamos a tarde a apanhar as batatas que a terra produziu, sob um Sol quente que nos obriga muitas vezes a ir beber água fresca do poço que fica num dos cantos do quintal, encostado ao enorme muro que envolve todo o terreno e para além do qual nunca passei. Num desses momentos em que aproveito para descansar o corpo dorido do esforço, a Ana aproxima-se para beber água também.

– Não te magoa a corrente, quando tens que te arrastar pela terra? – dispara como se tivesse estado a preparar esta pergunta a tarde toda.

– Sim. Mas faz parte.

Ignora-me, não responde, apenas eleva o balde do poço com a água fresca e põe-se a bebê-la. Sem que eu o esperasse, quando acaba de a beber, pega-me nas mãos sujas de terra e aperta-as entre as suas. Sinto um arrepio a percorrer-me de cima a baixo, até os meus joelhos ficam a tremer.

– Eu não tenho uma corrente. Não faz parte? – diz ríspida, mas baixinho, como se tivesse medo que nos ouvissem.

– Então se não tens é porque não precisas – tento argumentar, mas nem eu próprio acredito nas minhas palavras.

— Pára um pouco e pensa sobre isso — a sua voz é cada vez mais sussurrada — sobre o porquê de tu teres vivido sempre assim preso desde criança, enquanto eu cresci sem qualquer amarra nos meus pés!

E largando-me as mãos, subitamente severa, vira-me as costas e afasta-se outra vez, deixando-me ainda mais confuso.

Quando o Sol começa a desaparecer e a sombra do muro cai sobre o quintal, sabemos que chegou a altura de voltarmos para dentro de casa. Deixando as mulheres avançarem à nossa frente, o pai pede-me discretamente que o ajude a colher algumas maçãs para comermos depois do jantar, que as duas vão começar a preparar.

— Reparei que tu e a Ana parecem ter outro tipo de proximidade ultimamente — diz-me enquanto faz sinal para que pegue numa caixa de madeira vazia.

— Ela é que está a agir de maneira diferente — pareço estar a defender-me, mas não sei exactamente do quê.

— Não é prudente que tenham demasiada confiança um com o outro.

— Por que não?

E o senhor António está de volta, fingindo não ouvir a minha dúvida e distraíndo-se a escolher meia dúzia de maçãs, que não nos faziam falta alguma esta noite. É assim o meu pai. Chama-me para desenvolver algum assunto, mas quando eu tento aprofundá-lo, evita-me sempre. Isto se as minhas indagações não forem do seu agrado, claro.

– Já esperava que não respondesses, pai.

– Anda, traz as maçãs.

E eu vou. Sigo-o com a caixa meio cheia apoiada nos meus braços, arrastando novamente a corrente pela terra do quintal, caminhando vagarosamente para deixá-lo adiantar-se à minha frente. Espero que ele sinta alguma distância da minha parte, apesar de este acto não parecer ter qualquer efeito. Por vezes parece que nem existo, que só sirvo algum propósito absurdo ao estar aqui. Pouso a caixa de madeira no chão ao chegar à entrada da casa, pois não quero carregá-la mais.

– Vou tomar banho e mudar de roupa – digo secamente.

– E as maçãs? – pelo menos, agora o pai tem um ar admirado.

– Leve-as você! Não tem dois braços para isso? – afastome já pela casa dentro, de costas voltadas para ele.

– Não me trates por você, Tomé! Não me desafies.

Consegui irritá-lo por momentos, considero-me vitorioso, por isso solto um riso leve como um sinal de que não estou assim tão aborrecido como pensa. Ouço o pai suspirar fortemente e sei exactamente que cara está a fazer, mesmo sem precisar de olhar para trás.

A divisão da casa onde costumo tomar os meus banhos não é muito espaçosa, penso sempre que quem a construiu não imaginou que eu fosse crescer tanto. Quando era mais pequeno, ainda criança, parecia-me enorme. Mas actualmente são apenas quatro paredes apertadas entre si, onde

mal tenho espaço para mexer-me à vontade. Ainda assim, faço um esforço para tirar a roupa suja de terra, atirando-a depois para o corredor. A Alice deve apanhá-la depois para a lavar. A água do chuveiro acima de mim vem fria, mas sabe-me bem contra a pele quente do trabalho desta tarde. De alguma forma, sempre que aqui estou, este ritual serve-me como uma altura de reflexão. Talvez seja pela sensação de relaxamento que a água traz ao meu corpo. Quem terá tido a ideia de colocar um fecho de lado, ao comprido, em todas as minhas calças? Certamente que foi a Alice. O pai preocupa-se com assuntos mais sérios, penso eu. Mas a Alice é mais dada ao funcionamento das coisas, ou é mais prática e só ela poderia ter a ideia de facilitar a minha vida diária, porque assim a corrente torna-se mais um acessório do que algo desconfortável e não tenho de tirá-la sempre que aqui venho. Consigo despir-me sozinho, ter a minha privacidade, mas então por que não me permitem ser eu a mudar a corrente todas as manhãs ou quando vamos para o quintal? Não confiam em mim, certamente. Foi uma sugestão do pai, mudo de ideias. E já estou chateado por pensar nisto, por isso rodo a torneira e faço a água parar de correr.

Ainda estou meio molhado quando me sento na cozinha à espera do jantar. A Alice e a Ana andam atarefadas de um lado para o outro a preparar algum tipo de sopa e não tenho intenções de conversar com elas, portanto levanto-me novamente e procuro o pai pela casa. Não o encontro na pequena biblioteca, que fica logo do lado esquerdo da cozinha. Penso

que deve estar na sala grande. E apercebo-me que não me enganei, pois ao aproximar-me ouço a sua voz, mas não de uma forma muito clara. Parece exaltado. Mas está a falar sozinho? Se elas estão na cozinha, se eu estou do outro da porta, quem mais está ali dentro? Aproximo-me mais para escutar.

– O projecto tem que ser abortado – ouço-o dizer numa voz que tem tanto de gritada como de sussurrada.

Não sei com quem fala, mas também não ouço mais nenhuma voz, no entanto o pai continua a responder. Será que está a falar sozinho? É possível?

– O projecto falhou, acabou – e no mesmo instante em que ouço isto, a porta onde estava encostado abre-se violentamente e o pai dá de caras comigo. Está furioso. Nem sei que fazer, pensei que a porta estava completamente fechada e agora estou a morrer de vergonha por ter sido apanhado. Pior que isso, não está mais ninguém na sala. O pai está de facto sozinho e, por eu ter ouvido a sua conversa, isso dá-lhe um ar completamente louco enquanto me pega por um braço, arrastando-me de volta para a cozinha.

– Fica aqui! É hora de jantar! – grita, causando espanto nas duas mulheres, quando se voltam de repente para nos observar.

Também nem sei que responder, prefiro ficar calado. Mas, pelo contrário, não estou menos atento e é por isso que, num fugaz momento, vejo o pai esconder um pequeno objecto rectangular no bolso das suas calças escuras. Não

consigo perceber o que é, apenas vejo algum tipo de luz branca a transparecer por entre o tecido. Impossível, concluo que já estou a alucinar.

Voltar à cave todas as noites é um mal necessário, explica o pai outra vez enquanto me acorrenta. Não sei porque está a repetir isso, se já o disse tantas vezes, se já nem o questiono sobre o porquê de aqui estar. Sei que estou aqui para minha segurança, que é aqui que devo ficar. E isso chega-me perfeitamente para me acalmar. Mas talvez isso perturbe o pai, talvez ele sinta algum tipo de culpa por não me deixar dormir lá em cima, num dos quartos vazios da casa. Tentando mostrar-lhe alguma compreensão, olho-o nos olhos profundamente e consigo perceber que ficou contente com o trabalho que fizemos o dia todo, hoje, no quintal. Aquele brilho de orgulho está lá, no fundo do seu olhar, embora ele não o queira mostrar. Está tudo bem.

Antes de subir ao piso superior para dormir, o pai tem o costume de sentar-se uns minutos comigo a ler um livro e vejo-o procurar algum na estante pequena, que tenho no canto direito da cave, ao lado da cama. Depois de escolher a obra, o pai senta-se ao meu lado e começa a ler.

– História outra vez? – interrogo antes de o deixar começar, quando observo a capa do livro escolhido.

– A história do mundo é muito vasta, Tomé! Não a subestimes, pois é dela que tirarás os melhores ensinamentos – consigo notar na sua voz um tom amargo quando responde – Quero que comeces a estudar a Revolução Francesa. Vou

ler a introdução contigo, depois ficas o resto da noite a ler sozinho e amanhã irei fazer-te algumas perguntas sobre isto.

– Pai, estou cansado. E esperava que me explicasses o valor do tempo e da sua passagem. Não aguento mais ficar a pensar nisso todos os dias.

– Pára, Tomé! Não tentes forçar-me a falar disso. Quando chegar a altura...

– Quando chegar o tempo, é isso?

– Lê, sozinho – diz, quase num sussurro, levantando-se bruscamente e atirando o livro pesado para o meu colo.

Vejo-o subir as escadas tão depressa e fechar o alçapão com um estrondo tão forte que me faz tremer e levanta uma pequena nuvem de pó no ar. Sem querer pensar muito sobre o que acabou de acontecer, porque já sei que do pai posso esperar poucas respostas, procuro a Revolução Francesa no índice do livro e abro-o na página certa.

Como em todos os capítulos que estudei anteriormente, também as folhas deste estão cheias de partes riscadas, principalmente em números que aparecem ocasionalmente a meio dos textos ou nas legendas das imagens. Não consigo perceber o que significam, mas consigo concluir, com toda a certeza, que a maioria dos riscos estão a tentar encobrir números. Sem entender bem porquê, dou por mim mergulhando nessa descoberta, em algo que desabrochou em mim agora. Nunca antes tinha pensado nisso, mas sim, alguém teve o trabalho de riscar todos os espaços onde apareciam números neste livro, mas não nesta parte, não no capítulo que dá

início à Revolução Francesa. Aqui os riscos pretos por cima dos caracteres estão mais sumidos, deixando transparecer partes do que está riscado, como se fosse propositado, como se quisessem que eu visse. Submerso nesta euforia, começo a percorrer todas as folhas do livro, atrás, à frente, e o meu coração acelera quando verifico que toda a numeração das páginas está também riscada nos cantos inferiores. Tudo faz mais sentido agora, esses algarismos também foram riscados. Talvez para que eu não conseguisse perceber a ordem lógica das mesmas? Os números estão relacionados com o tempo? O meu corpo está cansado, mas a minha mente está mais desperta agora, numa agitação tremenda. Tenho que aproveitar esta energia, por isso começo a ler sobre a Revolução Francesa, desde o início do capítulo. Sim, quero saber tudo o que aconteceu, ler todos os detalhes, pois talvez me ajude a compreender o resto. Sinto que muitas respostas estão aqui escondidas. E tenho a certeza de que amanhã o dia vai começar com muitas perguntas sim, mas desta vez quem vai fazê-las sou eu. O pai vai ter que me explicar detalhadamente o que acabei de descobrir.

Levanto-me e grito para que me ouçam na divisão de cima. O chão de madeira que nos separa não abafa os meus gritos em dias calmos. Este é um dia calmo, penso, pois não ouço os passos apressados da dona Alice a fazer ranger o soalho. Caso houvesse alguma urgência, ela não pararia de um lado para o outro assim que o dia nascesse. Mas porque estão a demorar tanto para me tirar daqui hoje? Sei que já

devia estar lá em cima e começo a enervar-me com a espera prolongada.

Mas pelo menos hoje tenho o candeeiro perto de mim, e só assim consigo manter-me ocupado, porque vou lendo alguns parágrafos, não do livro de História, mas de outro sobre o mundo animal. Aves de rapina – reconheço que este é o livro que mais gosto de ler, mas ainda assim não consigo concentrar-me durante mais de três linhas de texto, sempre a pôr-me à escuta na esperança de ouvir a tranqueta da porta da cave a dar aquele estalo de quando se abre. Deito um novo olhar à imagem de um falcão-peregrino que acompanha esta página, examino a criatura e pergunto-me se algum dia irei ver um a sério perto de mim. No quintal costumamos ver alguns pássaros, como pardais de telhado ou pintassilgos, mas não há muita variedade que satisfaça o meu interesse. E tirando os pombos que criamos em gaiolas, para que nos sirvam de alimento, nunca tive a oportunidade de ver outras aves, como uma águia ou um falcão. E essas sim, fascinam-me pelo porte ou figura. Aqui no livro parecem-me sempre aves majestosas, mas para mim é como se não existissem e fossem apenas parte da minha imaginação. E já não sei se estou a alucinar ou se é realidade, mas ouço a porta ser aberta. Finalmente a Alice lembrou-se de mim, mas estranho não ter ouvido os seus passos aproximarem-se.

Quando olho para as escadas, o meu ar é mais de admiração do que de alegria, embora as duas sensações se misturem agora numa névoa de pensamentos repentinos. E enquanto

me perco a divagar sobre isso, quem está já ajoelhada ao meu lado, com a chave na mão, para me libertar de uma corrente e prender na outra, é a Ana. É ela. Afinal, este não pode ser um dia calmo. Não, se ela está aqui.

– Desculpa pelo atraso, Tomé! – diz-me sem olhar para mim.

– A tua mãe? Que lhe aconteceu?

– É melhor subirmos, depressa.

Vejo um sorriso malicioso quando ela fala, como se estivesse perante uma Ana diferente daquela que no dia anterior teve outras reacções no quintal e, apesar de estar preocupado, não posso deixar de sorrir também. Corro pelas escadas acima, conforme a corrente me permite. Estou agora na cozinha, onde há sempre comida pronta quando aqui chego, mas hoje a mesa está vazia. Com o meu olhar de indignação, vejo a Alice aparecer pela entrada principal. Vem alegre, com um pequeno bolo de cor escura que segura com as duas mãos, de braços estendidos ao nível do peito. O que significa, pergunto-me, enquanto olho para a Ana, que está já a tapar, com um tapete, o alçapão que dá acesso à cave. Assim ninguém dirá que há ali qualquer tipo de passagem. Todos os dias, o ritual é o mesmo. Eu subo e a entrada para o buraco escuro é escondida pela Alice até que a noite caia e eu tenha que voltar a entrar para lá. Todos os dias, excepto hoje. A governanta Alice não está a comportar-se dentro dos padrões estabelecidos. Sinto que irá haver problemas e ela sente exactamente que estou a pensar nisso.

– Calma, Tomé. O teu pai saiu. E hoje é o meu aniversário, vamos festejá-lo – diz ao pousar o bolo na mesa vazia.

– O que é um aniversário? – pergunto quando ouço aquela palavra desconhecida.

– É quando as pessoas fazem anos, quando se celebra o dia em que uma pessoa nasceu. Hoje fazem-se 67 anos desde que nasci, por isso vamos festejar enquanto o teu pai não volta. Não temos muito tempo, Tomé. Anda, senta-te e come connosco.

– E posso sentar-me com ela aqui? – aponto para a Ana quando falo e sinto-me corar de vergonha. Embora seja natural não conseguir falar à vontade sobre ela, é também estranho estar aqui tão à vontade. O meu pai nunca o iria permitir, por isso sinto que a Alice está a quebrar as regras impostas por ele.

– Fico de pé, mas quero comer.

A governanta, que agora nem reconheço, acena com a cabeça e corta uma fatia grande do bolo que eu devoro em poucos segundos. Tenho pressa para falar.

– Porque é que eu nunca tive um aniversário? Também tenho anos, ou não? – disparo ainda com o bolo a escorregar-me pela garganta abaixo.

– Tens uns 18 anos, claro que tens anos. Toda a gente tem. As ideias do teu pai é que nunca nos deixaram festejá-los. Já lhes perdi a conta, Tomé. Não consigo sequer lembrar-me do dia em que nasceste, porque nada ficou registado. Ele não o permitiu.

Ao ouvir isto, entretida a mastigar também um pedaço de bolo, a Ana ri-se numa ponta da mesa, longe de mim. Tenta disfarçá-lo, mas percebo claramente que está a fazer troça da minha ignorância. Sinto-me acanhado, como se de repente tivesse ficado mais pequeno. E no fundo, até fiquei, principalmente quando ouço as explicações da dona Alice sobre o porquê de eu nunca ter celebrado o meu nascimento. Que o meu pai tem regras rígidas aqui em casa não é novidade para ninguém, mas não consigo agora perceber o sentido de me impedir de festejar aquilo que afinal parece tão natural na vida de uma pessoa. Em poucos minutos fico a saber que, desde o dia em que nasci, todos os habitantes da casa foram proibidos de assinalar os seus aniversários. E de facto esta é a primeira vez em que vejo algo assim dentro destas paredes. Sinto um rasgo de mágoa, uma revolta por nunca ter tido acesso a algo tão vulgar, mas bonito. Não me dói pensar que todas as noites tenho que ficar trancado na cave poeirenta, mas isto faz-me mesmo sentir algo que nunca tinha sentido: algo tão simples como não entender o mal que podia causar ao mundo se celebrasse o meu nascimento.

– O teu pai não pode saber disto. Ou é o fim de tudo o que construímos até hoje aqui.

– Porque me mostrou isto agora, Alice? Obviamente porque o pai saiu hoje, neste dia, porque calhou, mas porquê forçar-me a saber isto?

– Tomé, Tomé... tu és inteligente, mais inteligente do que todos eles esperariam. Um dia saberás dar o devido valor ao

Tomé é um adolescente preso em casa, pelo seu próprio pai, que o mantém acorrentado numa cave poeirenta. Mas um dia, um grupo de desconhecidos obriga Tomé a sair para fora desta casa, descobrindo muitas coisas para além do que conhecia até então. Revelado o segredo que o mantinha aparte, Tomé conhece então Vera, uma jovem que cresceu nas mesmas condições e com quem principia a luta contra aqueles que mantêm uma guerra longa e sem sentido.

O dia em que nasci conta a história da emancipação de um jovem que, ao descobrir o mundo, decide lutar pela sua transformação num lugar onde todos tenham um futuro possível.

Filipe Vieira Branco

Nasceu em Torres Novas no ano de 1986.

Desde que aprendeu a escrever, sempre gostou de brincar com as palavras. Chegava casa e criava continuações das estórias que tinha lido na escola primária. Nunca parou de explorar a sua criatividade.

Seguiu para a área de Humanidades, tornando-se um apaixonado por História. Colaborou regularmente com jornais locais e escreveu peças de teatro para uma associação cultural. Estudou depois Ciências da Comunicação, onde teve aulas de Guionismo. Fez duas formações em Escrita Criativa, pois teve um sonho: ser escritor.

O sonho realizou-se.

